

ZERO

Jornal Laboratório do Curso de Jornalismo da UFSC - Maio de 2000

Trouxas caem em todos os golpes

páginas 8 a 10



Micheli Ribas



Chico Caná

Fiasco e violência nos 500 anos

última página

E mais: Elevado do CIC com problemas/Praça XV em conflito/Craques
Catarinenses/Internet grátis/Revolução no lixo/Greve na UFSC

**Jornal Laboratório do
Curso de Jornalismo da
Universidade Federal de
Santa Catarina**

Arte

Marcos Daniel Barros

Colaboração

Ana Paula Lacerda

Clóvis Geyer

Felipe Pereira

Kelen Vanzin da Silva Micheli

Cristiana Ribas

Coordenação

Professor Henrique Finco

Copy-Write

Elissa Bonato

Humberto Maia Junior

Lúcia Passafaro Peres

Mário Ignácio Coelho Junior

Martha Huff Martins

Rhodrigo Deda

Edição

Elissa Bonato

Humberto Maia Junior

Mário Ignácio Coelho Junior

Rhodrigo Deda

Editoração Eletrônica

Elissa Bonato

Mário Ignácio Coelho Junior

Sinuê Giacomini

Fotografia

Humberto Maia Junior

Leonardo Miranda

Mário Ignácio Coelho Junior

Micheli Cristiana Ribas

Sinuê Giacomini

Projeto Gráfico

Pedro Valente

Rhodrigo Deda

Textos

Ana Paula de Sousa

Andréa Fischer

Camille Cristina dos Reis

Humberto Maia Junior

Leonardo Miranda

Lúcia Passafaro Peres

Márcia Bizzotto

Mário Ignácio Coelho Junior

Martha Huff Martins

Raquel Sabrina da Silva

Impressão

O Estado

Redação

Curso de Jornalismo (UFSC - CCE)

Trindade, CEP 88040-900

Florianópolis/SC

Telefones: (48) 331-9490

(48) 331-9215

Fax: (48) 331-9898

Home Page:

www.jornalismo.ufsc.br

Endereço eletrônico:

zero@cce.ufsc.br

Nosso editorial

O laboratório com um computador e sem espaço físico.

Depois de mais de 70 dias de espera, o Zero finalmente está pronto, o que pode parecer muito tempo para quem não faz parte do dia-a-dia do nosso Jornal Laboratório.

Mas, nas condições em que trabalhamos, o resultado pode ser considerado satisfatório: na mudança do prédio, o Zero ficou alocado em uma sala de aula, em que a porta não tinha chave. O resultado foi que os dois únicos equipamentos (um computador e uma impressora) foram queimados. O computador, conseguimos recuperar; a impressora foi completamente perdida. Além disso, quando havia aulas de outras disciplinas, não podíamos trabalhar no Zero, o que também acabou por dispersar boa parte dos alunos interessados.

Isto tudo é ainda mais desanimador quando se constata que todos os outros laboratórios de nosso Departamento foram alocados em condições razoáveis de funcionamento – alguns em condições ótimas, incluindo laboratórios voltados exclu-

sivamente para atividades de extensão.

Mas deixamos o desânimo de lado e fomos à luta: criamos e ocupamos um espaço de 3 por 4 metros, feito de divisórias e sem janelas. Com a ajuda da Diretoria do CCE, conseguimos um scanner emprestado e recauchutamos um computador. O editorial para a impressão de nosso jornal também não havia sido providenciado. De novo o prof. Felício Margotti, Diretor do CCE, socorreu-nos, resolvendo esse problema com criatividade.

O Zero é um jornal muito importante, e não só por ser um laboratório de jornalismo, mas também por ser o único jornal realmente independente de Santa Catarina: em várias ocasiões, fomos os únicos a abordar pautas recusadas por toda a imprensa de nosso estado, como o caso de superfaturamento nos aluguéis de prédios públicos, entre outras.

O fato é que continuamos de pé e nossa próxima edição estará ainda melhor. Até lá.

Greve na UFSC

raquel sabrina

O Sindicato dos Trabalhadores da Ufsc (Sintufsc) decidiu parar as atividades na última sexta-feira, dia 15 de maio. A Associação dos Professores da Ufsc (Apufsc) resolveram na assembléia realizada no dia 16, apoiar a greve dos servidores e podem parar as aulas a partir da próxima quarta-feira, dia 25, quando também o Diretório Central dos Estudantes (DCE) deve apresentar sua pauta própria de greve. Fazem parte das reivindicações a reposição salarial, que não acontece há 5 anos, a defesa do serviço público e o aumento de recursos para a Universidade.

Os funcionários da UFSC já estão oficialmente em greve. A coordenadora do comando de greve da Sintufsc, Jussara da Costa Godoy, afirma que o número de funcionários parados chega a 70%, sendo que 8 dos 11 centros da universidade estão fechados, entre eles o Restaurante Universitário e a Biblioteca. As reivindicações dos servidores federais são a reposição salarial de 63,68%, fixação da data-

base em maio para reajustes salariais, além do pagamento de vale-alimentação. Os servidores querem também a garantia da manutenção do serviço público e das ações salariais obtidas na Justiça.

Os professores aprovaram o indicativo de greve para a próxima quarta-feira, dia 25, quando estão programadas reuniões nos setores, pela manhã e uma assembléia, à tarde, decidirá se os professores da universidade paralisam ou não. A Presidente da Apufsc, professora Corália Piacentini, afirma que o número de professores que comparecem às assembléias vem aumentando num processo crescente de mobilização. Para as aulas serem suspensas, os professores dependem de uma decisão nacional que deve acontecer na Reunião dos Setores das Instituições Federais de Ensino Superior, dia 22 em Brasília.

Os estudantes têm se reunido nos Centros Acadêmicos de cada curso e no DCE. Até o dia 19, eles pretendem decidir se apoiam ou não o indicativo de greve dos profes-

res e servidores da Ufsc. Em Florianópolis, parte dos estudantes da UDESC (Universidade do Estado de Santa Catarina) já decretaram greve. Em alguns cursos da Ufsc há mobilização para manifestações e paralisação. Os alunos apontam como causas para a greve o corte de verbas e de bolsas e a cobrança de taxas. Segundo Maira Souto, coordenadora do movimento de greve pelo DCE, além da UDESC, as universidades estaduais paulistas Unicamp, USP, Unesp e a Universidade Federal de Santa Maria (RS) já pararam.

Em vários setores da Universidade são apontadas também como causas de greve a insatisfação com a política do governo Fernando Henrique Cardoso. A repressão violenta às manifestações durante a comemoração dos 500 anos do Brasil, a ameaça de colocar o exército na rua para combater o Movimento Sem Terra e as manobras políticas para fixação do salário mínimo em R\$151 são os principais motivos do descontentamento com o presidente.

Fotojornalismo

por Leonardo Miranda

Estas fotos foram tiradas no dia 19 de abril, às 15h, numa praça perto do Beira Mar Shopping, no centro de Florianópolis. Lá, crianças de 10 a 15 anos do morro Nova Trento brincavam no parquinho e jogavam bola. Perguntei se poderia tirar umas fotos. Consentiram. Enquanto fotografava, percebi que algumas brincavam de polícia e ladrão, usando armas de brinquedo.

Depois de algumas fotos da garotada jogando futebol, eu fui fotografar quatro crianças que brincavam no "trepa-trepa". Chegou então um senhor de terno e gravata, uma pasta na mão, aparentando uns 40 anos. Perguntou o que eu fazia. Expliquei que era estudante de Jornalismo e estava fotografando para o meu portfólio. A reação dele foi violenta: "jornalista é tudo safado, põe a arma na mão de uma criança para depois colocar no jornal e chamá-la de bandida!". Procurando manter a calma, expliquei que não estava usando as crianças, que a arma de brinquedo não havia sido dada por mim e que não pretendia expor ninguém.

As agressões continuaram. Mandeí minha razão para o inferno e comecei a xingá-lo também. Para mim, aquele senhor representava um tipo de elite contra a qual vou lutar durante o resto da minha vida. A praça parou, viramos dois leões no meio de um picadeiro. A platéia, formada



pelas crianças e pessoas que passavam pelo local, ficou surpreendida com o ridículo espetáculo.

Lá pelas tantas, o homem da pasta foi embora, ainda gritando. Sentei na praça, chamei as crianças e tentei explicar o que tinha acontecido. Disse que minhas fotos não eram para expô-las, mas para mostrar o abandono e a hipocrisia de uma sociedade falida e faminta por dignidade e respeito. Logo, a gurizada voltou a brincar como se nada tivesse acontecido. Aí, voltei ao trabalho.

O fotojornalismo transita entre dois pontos da linguagem visual: o estético e o histórico.

O trabalho do fotojornalista é juntar a estética com a notícia. A fotografia precisa ficar equilibrada num ponto mediano entre a arte e o jornalismo.

O bom fotojornalista é aquele que consegue juntar a magia da arte com o seu trabalho de contar um fato. A discussão se fotojornalismo é arte ou não já é ultrapassada. Fotojornalismo é mais do que arte, é mais do que história. É uma incansável busca no equilíbrio entre o sentimento e a razão.



"O desvio é melhor que o viaduto", diz vereador

texto
márcia bizzotto
fotos
micheli ribas

ônibus de turismo não passa por baixo do viaduto



As suspeitas de ineficiência do elevado do CIC, levantadas por engenheiros e arquitetos de Florianópolis desde meados do último ano, finalmente chegam à Câmara de Vereadores. No final da última semana de abril, o órgão entrou com pedido de investigação sobre a obra, iniciada pela empreiteira SESBE em junho de 1998 e agora em fase final.

O erro mais visível, de acordo com o professor do Curso de Arquitetura da UFSC, Paulo Rizzo, diz respeito à altura do viaduto. "Ele deveria ter sido construído para que um ônibus de dois andares pudesse passar em baixo, mas isso não foi feito", afirma. O projeto, desenvolvido pelo consórcio Prosul, não previu esse detalhe e o único jeito de corrigir a falha agora, segundo Rizzo, seria escavar a

pista embaixo da ponte, algo inviável em um terreno de mangue como o da Avenida Beira Mar. "A primeira chuva alagaria tudo", completa o professor.

A arquiteta Lisiane Schineider, moradora do bairro Trindade aponta outra falha no elevado: "Quem quer pegar a Beira Mar a partir do CIC é obrigado a ir até a rótula do Santa Mônica para, só então, fazer o retorno para o centro ou para as praias", reclama. Os motoristas que vêm do norte da ilha em direção à Trindade ou à UFSC também sofrem: têm que fazer o retorno depois do supermercado Angeloni.

Segundo o vereador Mauro Passos, a planta da Prosul, orçada em pouco mais de R\$ 9.678.000, jamais foi apresentada à Câmara para aprovação. "A obra toda foi conduzi-

da de uma forma muito fechada. A lei prevê que dois vereadores a acompanhem, mas isso nunca foi permitido. O porquê a gente não sabe", Passos denuncia.

O vereador também questiona o processo adotado na escolha do projeto. "Um aluno da Arquitetura (da UFSC) apresentou, como conclusão de curso, uma alternativa para o elevado do CIC. O trabalho ganhou um concurso nacional e seria mais barato, mas não qui-

seram aproveitá-lo", conta Passos. O chefe da divisão de obras da prefeitura, Dalton da Silva, garante que a Prosul foi contratada através de licitação, mas não sabe dizer quais as outras empresas concorrentes. "Eu só cuido da obra", afirmou.

A pessoa que poderia esclarecer todas essas dúvidas, o secretário de obras da prefeitura, Francisco de Assis, não foi encontrado para falar a respeito. Durante duas semanas nossa reportagem tentou localizá-lo, mas ele estava sempre "para chegar dentro de duas horinhas", segundo seus assessores. Na única vez em que encontramos o secretário em seu escritório, fomos informados que ele estava "muito ocupado para dar entrevista por telefone".

O elevado do CIC deve ser concluído dentro de três meses. "Agora estamos fazendo as finalizações, a drenagem e o asfaltamento", conta Dalton Silva. Mas o vereador Mauro Passos já tem uma conclusão: "Esta é a única obra em que o desvio é melhor que o viaduto em si". Muitos moradores da capital concordam.



O que fizeram com a Praça XV?

artesãos se recusam a ir para a rua Victor Meirelles

texto
humberto maia e martha
martins
fotos
humberto maia

A Praça XV foi reaberta no dia 17, numa cerimônia que contou com a participação da prefeita Angela Amin (PPB) e da Orquestra da Câmara Municipal Amor à Cidade. A reforma custou R\$109 mil.

A reabertura seria em março, mas segundo Edelberto Adam, diretor de operações da Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente), os trabalhos de restauração da praça demoraram mais do

que o previsto porque foram artesanais.

A etapa da obra que exigiu mais tempo foi a restauração do piso, que é obra do artista plástico Hassis. Além disso, foram feitos trabalhos de jardinamento, reforma no coreto e limpeza nos monumentos. No final da reforma, a Praça XV recebeu nova iluminação, 80 novos bancos de madeira e grades nos canteiros.

A Prefeitura esperava que a reforma estivesse



se pronta até dezembro do ano passado, antes da chegada dos turistas, mas alguns problemas impediram o início das obras.

Em julho do ano passado, membros da Secretaria Municipal de Transporte e Obras e da Floram se reuniram com os artesãos para negociar a saída da praça e as obras pudessem ser iniciadas. Nenhum acordo, no entanto, foi firmado. Com o apoio de alguns vereadores, os artesãos conseguiram permanecer na praça até que

fosse cedido outro local. Outro motivo do atraso foi a demora da Prefeitura em arrecadar a verba necessária para o começo das obras.

Havia suspeitas de que a praça fosse tombada, o que impediria mudanças, pois patrimônios tombados não podem ser alterados. Mas Edelberto negou que a reforma na Praça XV seja ilegal. O diretor afirmou que apenas a figueira e os prédios ao redor da praça são tombados.



E os artesãos, Sra. Prefeita?

O diretor de operações da Floram (Fundação Municipal do Meio Ambiente), Edelberto Adam, disse que os artesãos não voltarão à Praça XV, mesmo ela estando pronta. Segundo Adam, "a praça é um local público e não uma área para comércio, como querem os artesãos".

Ele afirmou que foram oferecidos outros espaços para eles trabalharem. O calçadão ao lado do Terminal Urbano de Florianópolis foi o local escolhido pela maioria dos artesãos. Mas nem todos querem permanecer no local.

O presidente da Associação dos Artesãos da Praça XV (Associart XV), Carlos Alberto Bento da Silva, disse que "não há lugar melhor que a Praça XV". Carlos Alberto considera um "matadouro" o local onde os artesãos estão hoje trabalhando.

Segundo ele, o público que frequenta o calçadão ao lado do terminal é diferente daquele que frequenta a Praça XV. "O público da Praça XV ia lá para comprar artesanato. Já aqui é um local de passagem onde as pessoas não param para comprar. Seremos obrigados a vender outro

tipo de mercadoria".

A falta de sombra e o monóxido de carbono emitido pelos ônibus é outra reclamação em relação ao local. "Passamos cerca de dez horas por dia debaixo de sol e respirando ar poluído", reclama Carlos Alberto.

Mas alguns artesãos defendem a permanência no local. Um deles é Luís Alberto Silva dos Santos. Ele afirmou que suas vendas aumentaram desde a mudança para o novo lugar. "Não adianta ficarmos brigando pela Praça XV. O jeito é nos adaptarmos ao local que nos cederem".

No meio do deserto, sem água e com perigo

texto e fotos
márcia bizzotto



Vale da Morte:
"O mais solitário, o mais quente, o mais mortal e perigoso ponto nos Estados Unidos". - New York World, 1899.

Setembro, começo do outono americano. O termômetro do carro marca 110° Fahrenheit - mais de 43° Celsius. Do lado de fora, pequenos arbustos e flores selvagens fazem esquecer que estamos na região mais quente da América, o deserto do Vale da Morte, no sudeste da Califórnia. Na vastidão da paisagem vê-se apenas morros e uma estrada sem fim, mas o cenário muda de cor e relevo a todo instante.

Trocando a estrada principal por uma trilha de quase 5 Km - a *Wildrose Road* - chegamos ao *Telescope Peak*: o ponto mais alto do Vale da Morte, que oferece uma vista fabulosa de todo o parque. A 3.355 metros, as árvores são altas e pode-se ouvir os pássaros cantando, mas água é inexistente nessa época do ano. A ve-

getação se adaptou ao meio e sobrevive das reservas do inverno, quando o pico fica coberto de neve. Há mais de 900 tipos de plantas no Vale.

O *Telescope Peak* é o único lugar do parque onde o *camping* é gratuito. O banheiro se restringe a um vaso sanitário colocado sobre um buraco sem fim. Do lado de fora, um placa alerta para o perigo de queimadas: "Se você ouvir um barulho semelhante ao de um trem se aproximando, deixe sua barraca imediata-

mente e dirija-se a umas das trilhas de fuga para incêndio indicadas no mapa".

Indústria primitiva

Na estrada de *Wildrose* vê-se os primeiros sinais da tentativa de vida no vale: pequenas estufas de pedra, construídas no final do século XIX para a produção de carvão. O produto era usado por duas indústrias de fundição de prata, situadas a mais de 40 Km a oeste. As estufas de *Wildrose* empregavam quarenta homens e a região se tornou o lar de cerca de cem pessoas. Em 1878, as indústrias de prata faliram e a fábrica de carvão foi abandonada, apenas um ano após entrar em funcionamento.

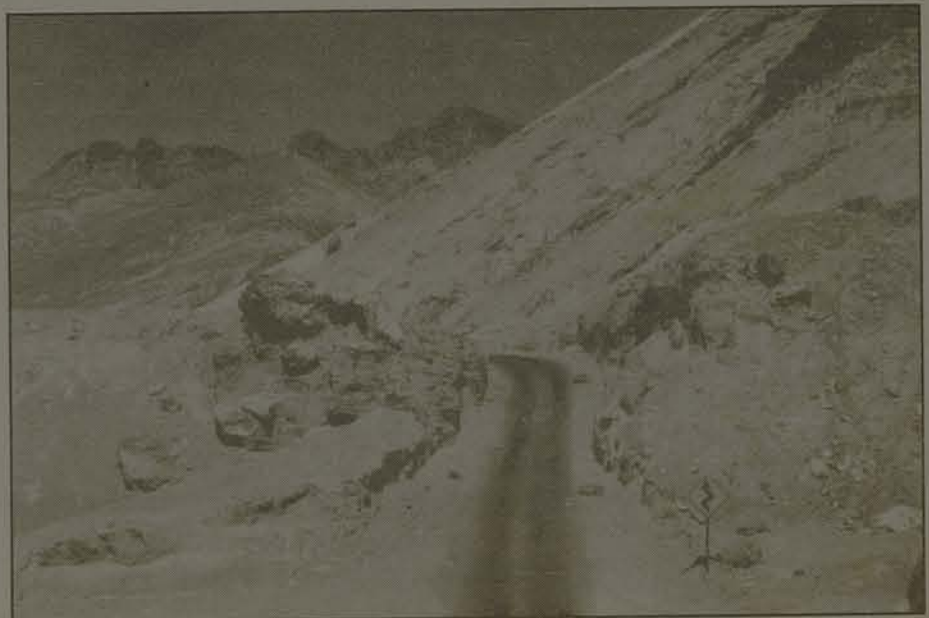
Anos mais tarde, em 1884, um outro tipo de indústria começou no Vale da Morte. A mina de *borax* de *Harmony* chegou a produzir três toneladas do minério por dia, mas durante o verão as atividades tinham que ser paralisadas. O calor era tão in-

tenso que não permitia que a água processada esfriasse o suficiente para cristalizar o *borax* extraído.

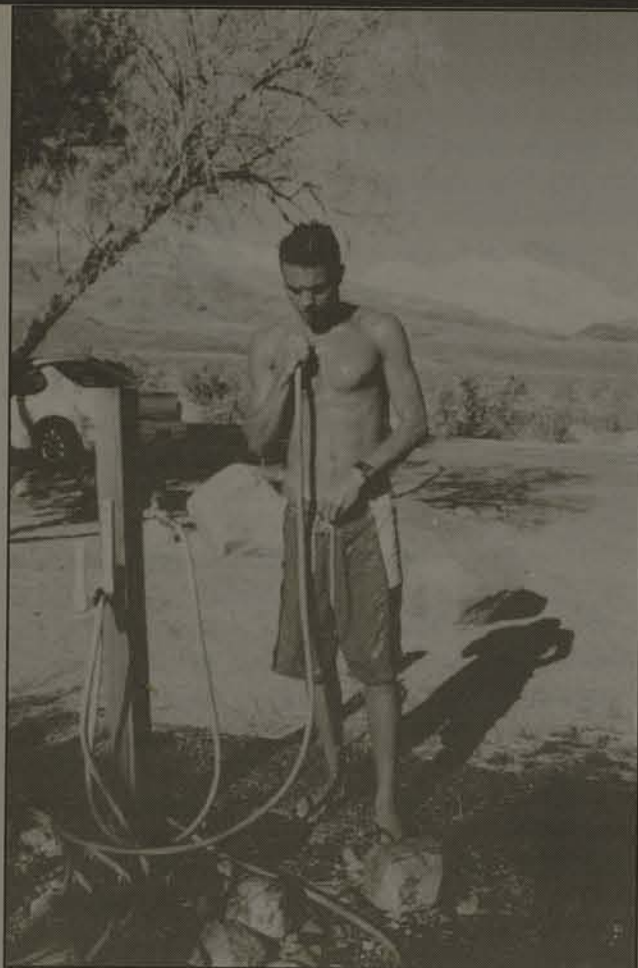
Outra dificuldade enfrentada pelos trabalhadores de *Harmony* era fazer sua produção chegar até o mercado. Para resolver o problema, a companhia passou a usar um time de vinte mulas, que puxava duas carroças carregadas com o minério por quase 265 km até a estrada de ferro do Mojave. O comboio tornou-se o símbolo da indústria de *borax* nos Estados Unidos.

A mina de *Harmony* foi desativada em 1888, mas suas ruínas fazem parte da paisagem do Vale da Morte até hoje. No oeste do parque, encostado às montanhas, ainda pode-se ver máquinas, tanques e restos da construção. Os resquícios de *borax* também estão expostos em *Stovepipe Wells Village*, cerca de uma hora ao sul da mina.

O banho da semana



"O cenário muda de cor e relevo a todo instante"



res de aventureiros que, em 1849, iniciaram a marcha para o oeste, em busca do ouro recém descoberto na Califórnia. Viajando em carroças puxadas por cavalos, muitos não suportaram a dura travessia da região desértica e morreram.

Naquela época, havia um pequeno lago, que um viajante passou a chamar de *Badwater* - água ruim - depois que seu cavalo se recusou a beber lá. *Badwater* é o que restou do Lago *Manly*, um dos muitos que preenchiam o vale há cerca de 10 mil anos.

Hoje o lago de 183 metros de profundidade se resume a uma grande bacia de sal e uma poça de água suja, *habitat* de plantas microscópicas. A água só persistiu por tanto tempo devido ao relevo do lugar. A 86 metros abaixo do nível do mar, *Badwater* é a região mais baixa do hemisfério oeste.

O relevo também é a razão do surgimento do deserto. Localizado ao leste da cadeia de montanhas de *Sierra Nevada*, o Vale da Morte não recebe a umidade vinda do Oceano Pacífico e, devido à alta temperatura - durante o verão, a temperatura média é de 50º Celsius - a pouca chuva que cai evapora rapidamente. Ao mesmo tempo que repele a presença humana, o vale se torna o paraíso para as mais de 900 espécies de plantas e animais que aprenderam a viver no vale.

COMO CHEGAR

Linhas aéreas, rodoviárias e ferroviárias vão até Las Vegas, Nevada. Barstow, na Califórnia, é servida por trens e ônibus. A partir de uma dessas cidades você precisa de um carro, de preferência alugado.

Para quem vem da Califórnia, a rodovia US 395 passa a oeste do Vale da Morte e conecta com as estaduais 178 e 190, que levam ao parque.

Vindo de Nevada, a US 95 passa a leste e faz conexão com as estaduais 267, 374 e 373, para o vale.

PARA DORMIR

Mahogany Flat: no topo de *Telescope Peak*, é fresco e com sombra, mas só veículos pequenos podem ir até lá. Apesar do banheiro precário e da ausência total de água, tem uma ótima vista para o parque e é o único camping gratuito.

Mesquite Springs: espaços para *Motorhomes* e banheiros com água, a 3 Km de *Scotty's Castle*. \$ 10,00.

Furnace Creek: com espaço para *Motorhomes* e mesas, esse camping possui chuveiros, lavanderia e piscina. \$16,00. Fone: (760) 786-2331.

Stovepipe Wells Village: uma pequena pousada com piscina aquecida, é o melhor lugar do deserto. Tem também um restaurante e um bar, com salão de jogos.

Furnace Creek Inn Resort: construído em pedra, o lugar parece um oásis no meio do deserto. Com restaurante, piscina, bar e 4 quadras de tênis. Fone:

Furnace Creek Ranch: ao lado do centro de informações turísticas, oferece restaurante, bar, *coffee shop*, piscina, passeios a cavalo e um campo de golfe.

NÃO DEIXE DE VER

Scotty's Castle é uma mansão de US\$2,5 milhões no estilo mouro, que começou a ser construída em 1924 e nunca foi concluída. A casa funcionou como hotel por alguns anos, hospedando artistas como Bette Davis e Norman Rockwell.

Artists Palette é uma pequena trilha de mão única ao norte de *Badwater*, onde se pode ver o multicolorido das rochas, causado por depósitos vulcânicos e minérios sedimentados.

Zabriskie Point tem uma das melhores vistas do Vale da Morte. A beleza do lugar foi tema de um filme que levou seu próprio nome, feito pelo italiano Michelangelo Antonioni.

Dante's View fica a mais de 1525 metros no alto de *Black Mountains*, ao sul de *Zabriskie Point*. De lá pode-se ver quase todo o Vale da Morte.

7

Quem quer conhecer o Vale da Morte deve ir preparado para passar uns três dias sem tomar banho. Como em todo deserto que se preze, água é artigo de luxo só encontrado nos dois minúsculos vilarejos do parque - *Stovepipe Wells Village* e *Furnace Creek Ranch*.

O único banheiro com água fora das vilas fica há cerca de duas horas ao norte de *Telescope Peak*. Em frente ao casebre, uma placa com explicações sobre o local e uma mangueira para a salvação dos corpos empoeirados.

Stovepipe Wells Village é parada obrigatória para esticar as pernas, comprar artesanato e co-

nhecer um pouco mais da história do parque.

Além de objetos da antiga mina de *Harmony*, um antigo caminhão do corpo de bombeiros também está à mostra lá.

Em *Stovepipe* é possível abastecer o carro e renovar o estoque de comida para o dia. O próximo ponto de civilização fica há quatro horas.

Em *Furnace Creek* funciona o centro de informações turísticas. O lugar abriga uma livraria e um museu, onde há exposições diárias de vídeos sobre a história natural do Vale da Morte.

A grande busca pelo ouro

O Vale da Morte herdou esse nome dos milha-

Golpes para todos os gostos e tipos de trouxas!!!

texto
ana paula de souza e
andréa fischer
fotos
mário coelho júnior e
micheli ribas

André Manoel de Oliveira, delegado do 1º DP da Capital, conta que as pessoas caem em golpes porque acreditam que

Só caem nos golpes os que também querem tirar vantagem

possam ter lucros na situação criada pelos golpistas. O delegado adverte que é no fim do mês, quando se recebe o salário, que os golpes são mais frequentes. Também ocorrem muito em dezembro,



em função do décimo terceiro salário. A maior parte das vítimas são mulheres, com idade acima de 50 anos. O mais comum é os golpistas agirem em conjunto (geralmente em dupla). Os golpes mais aplicados são os seguintes:

Cola e cartão

O golpe do cartão de crédito preso é dado geralmente à noite. A vítima está sacando o dinheiro no caixa eletrônico e seu cartão fica preso. Isso pode acontecer por um problema da máquina ou pela ação dos golpistas. Neste momento, aparece o ladrão e lhe oferece ajuda.

Ele pede a senha e o número da agência da vítima e finge que está tentando resolver o problema. Não consegue, então oferece um celular à vítima, fornecendo o número de um falso serviço de atendimento. A vítima telefona e quem atende é outro ladrão. Ele orienta para que a pessoa deixe o cartão na máquina, vá embora e volte no outro dia, antes do banco abrir. A vítima fica no banco com o número da agência e a senha da pessoa e retira o dinheiro.

Para se prevenir desse tipo de golpe, o conselho é que as pessoas não aceitem ajuda estranha na hora em que estão efetuando operações no caixa eletrônico. Só se deve pedir ajuda a funcionários do banco, devidamente identificados.

Além deste, existem mais dois outros golpes com cartão de crédito. O mais comum é o do cartão clonado. Uma das vítimas foi um professor da Universidade Federal de Santa Catarina que não quis se identificar. Ele foi avisado no dia 20 de março que seu cartão havia sido

clonado. As compras, no valor de R\$ 1.500, foram feitas em três estabelecimentos do Rio de Janeiro, três dias antes. A operadora, sabendo que o cliente mora em Florianópolis e não esteve no Rio de Janeiro, concluiu que se tratava de um caso de clone de cartão. Mesmo assim, não soube informar como isso ocorreu. Até que a operadora mande um novo cartão, ele não poderá retirar dinheiro ou talão de cheques no caixa eletrônico ou fazer compras com cartão de crédito.

Segundo o delegado Oliveira Filho, nas compras com cartão de crédito duas faturas são emitidas: uma fica para o cliente e outra para o estabelecimento comercial. O golpe acontece quando a fatura do comerciante, que contém os dados necessários para fazer uma cópia do cartão, é entregue a um falsificador. Após a clonagem, o cartão é usado para compras, geralmente de alto valor.

Achei um cheque!

O golpe do achadinho acontece com pessoas que se deixam convencer pela possibilidade de obter dinheiro de maneira fácil. Este golpe é aplicado em dupla: na saída de um banco, o golpista deixa cair um cheque de alto valor. A vítima que vem logo atrás, acha o cheque e tenta devolver. O ladrão nega que seja seu. Logo depois aparece outro ladrão dizendo ser ele o dono do cheque e oferece um prêmio aos dois por eles terem-no devolvido. O ladrão faz um cheque de menor valor e leva a vítima



até a entrada de um edifício pedindo para que ela vá até um certo andar e o desquite. Mas o outro golpista diz ter direito a metade do prêmio. Ele exige que a pessoa deixe sua bolsa como garantia que vai descer com o dinheiro. Os dois ladrões fogem e a vítima quando volta, sem dinheiro, não encontra mais nada.

Outro golpe aplicado com cheque é o da conta fantasma. O golpista vai ao banco e abre uma conta com documentos falsos. Ele retira o talão de cheques e faz compras só com cheques pré-datados.

Quando o comerciante vai descontar o cheque, ele não tem fundo.

Loteria

Neste golpe, a vítima é abordada na rua por uma pessoa que pede informações sobre um ende-

reço que não existe. Dizendo estar perdido, conta que recebeu um bilhete premiado da Loteria Federal como pagamento por um serviço feito. Nesse momento chega o outro golpista, convidando para ir até uma casa lotérica receber o dinheiro do prêmio. Ao chegar na lotérica, os números conferem. Mas são do sorteio anterior, invalidando o bilhete, o que passa despercebido pela vítima. O segundo ladrão propõe à vítima que comprem o bilhete do suposto ganhador e dividam eles dois o prêmio. Os ladrões então fogem com o dinheiro da compra do bilhete.

O golpe do chute

O golpe do chute é praticado há mais de 20 anos em Santa Catarina. Em Balneário Camboriú, foram 100 casos só no ano

passado e em Itajaí é registrado um caso por dia. Em Florianópolis o número de casos ainda é pequeno: quatro denúncias em 1999.

O golpe consiste em vender mercadorias que supostamente seriam leiloadas pela Receita Federal, mas a mercadoria não existe. O chutador recebe o pagamento e a vítima fica sem dinheiro e sem a mercadoria. No ano passado, o golpe movimentou US\$ 200 milhões nas cidades de Itajaí e Balneário Camboriú.

Segundo o delegado Oliveira Filho, 99% das pessoas que caem nesse tipo de golpe são empresários. A primeira coisa que o estelionatário faz é procurar na lista telefônica o nome de empresários que tenham uma boa situação financeira e que possam estar interessados em comprar mercadorias. Os contatos com as vítimas são feitos por meio de ligações telefônicas feitas em celulares comprados com documentos falsos.

O estelionatário propõe vender as mercadorias a um preço bem inferior ao que elas valem. São oferecidos aparelhos eletrônicos, máquinas para agropecuária, computadores, ouro, café, tecidos, celulares, televisão, pneus, óleo, ova de tainha.

Os golpistas inventam nomes para si e para os seus supostos superiores (chefes) na Receita Federal - Dr. Palhares, Dr. Rodolfo - e para mostrar aos empresários que o negócio é seguro, alguns pedem documentos da empresa, como por exemplo o Cada-

stro Geral do Contribuinte (CGC). A negociação dura de uma semana a dez dias e durante todo esse tempo é mantida apenas por telefone.

Depois de tudo acertado a vítima sai da sua cidade em direção ao local onde está a mercadoria. Em Santa Catarina, as cidades onde existem os maiores índices de golpe do chute registrados são aquelas que têm portos: São Francisco do Sul, Ita-

ajá, Balneário Camboriú, aproxima do chutador cumprimentando-o pelo nome falso e entra no prédio da Receita. Pouco depois, sob a alegação de que vai entregar o dinheiro a seu superior, o estelionatário pega o dinheiro do empresário e entra sozinho no prédio. Promete voltar para mostrar a mercadoria, mas sai pelos fundos levando todo o dinheiro. Para a vítima, quando percebe que tudo não passou de um golpe, já é tar-



de demais.

Existem três tipos de golpe do chute

Segundo o delegado Oliveira, em 90% dos casos o estelionatário age usando a mesma tática: recebe o dinheiro diretamente das mãos do empresário, sem confrontos e sem precisar usar armas ou força física. Os "chutadores", pessoas que aplicam o golpe, vão até o aeroporto receber o empresário, levam-no até um hotel e marcam um local para fazer a negociação. Na maioria das vezes é em frente do prédio da Receita Federal.

Para dar mais credibilidade à negociação, uma segunda pessoa se

No segundo tipo de golpe, o estelionatário pede para o empresário transferir a quantia combinada do banco da cidade onde mora para a cidade onde está a mercadoria. A vítima faz a transferência e o golpista retira o dinheiro usando uma carteira de identidade falsa. Segundo o delegado Oliveira, embora ainda existam casos sendo registrados, essa maneira de agir tem diminuído nos últimos tempos porque os bancos passaram a exigir prazo de 24 horas para a retirada de grandes quantias de dinheiro.

O terceiro e último tipo de golpe do chute é o



Outro golpe é o do bilhete premiado

mais violento e o que às vezes acaba resultando na morte dos empresários. Os estelionatários levam as vítimas a um local onde dizem estar a mercadoria, apontam uma arma para a vítima e forçam-na a entregar o dinheiro. Alguns reagem e são mortos. Esse tipo do golpe do chute é como um assalto, com a diferença de que a vítima já conhece os assaltantes.

Quem são os golpistas

Os chutadores geralmente são pessoas de classe baixa que já cumpriram pena e, em 90% dos

casos, semi-analfabetos. O delegado Oliveira conta que as três primeiras coisas que os estelionatários fazem, assim que têm o dinheiro em mãos, são comprar um carro novo, encher a geladeira de comida e ir para as boates "festar" com os amigos.

As maneiras mais usadas pela Polícia para identificar os chutadores são: a descrição (retrato-falado), o reconhecimento por meio de banco de dados e o reconhecimento com a ajuda de informantes, que é o método que oferece melhores resultados. Na

maioria dos casos, os chutadores são identificados com a ajuda de informantes.

Os informantes são empresários, donos de casas de jogos, policiais, presidiários, namoradas dos chutadores, os próprios golpistas e ex-chutadores que se arrependeram do que faziam.

Dos quatro golpes do chute aplicados este ano em Florianópolis, dois já estão resolvidos. Os chutadores já foram identificados e os outros, segundo o delegado Oliveira, têm 90% de chance de serem encontrados.

"Caí no golpe do bilhete e perdi 21 mil reais"

A comerciante E.S.R. teve um prejuízo em agosto desse ano: R\$ 20 mil em jóias e mais R\$ 1,1 mil em dinheiro. A vítima conta que quando entrava no Centro Comercial Santa Mônica foi abordada por um homem que contou ser do interior e analfabeto, perguntando onde ficava um certo endereço. O golpista disse que tinha comprado roupas com a pessoa residente nesse endereço e precisava pagá-las. Também queria a ajuda para retirar a quantia de R\$ 30 mil – valor inventado pelo golpista para o prêmio do bilhete de loteria que carregava.

Um segundo homem apareceu tentando ajudar. A vítima e o homem

foram até a lotérica conferir os números e verificaram que o valor do prêmio era bem maior: R\$ 124 mil. O segundo homem propôs que E.S.R. deveria receber a recompensa de R\$ 15 mil por ter ajudado. O estelionatário que estava com o bilhete disse que tinha medo de ser enganado e pediu que os dois (a vítima e o segundo golpista) deixassem com ele algum bem de valor enquanto estivessem retirando o prêmio. O golpista mostrou dólares que trazia na maleta. A vítima foi até em casa e trouxe jóias e dinheiro, num total de R\$ 21,1 mil.

Os dois foram buscar o prêmio.

As jóias, o dinheiro e os dólares falsos ficaram com o dono do bilhete, que conforme o combinado, iria devolvê-los junto com a recompensa, assim que tivesse o dinheiro do prêmio.

Um pouco depois, o bandido pediu para descer do carro porque precisava avisar sua filha do que iria fazer. A vítima retornou ao local onde tinha deixado os bens com o estelionatário, mas ao chegar lá não o encontrou. Retornou em busca do segundo homem, que também tinha desaparecido. E.S.R. ficou apenas com o canhoto de loteria, que nada valia. O dinheiro e as jóias não foram recuperados, nem os estelionatários identificados.

10

Veio do Rio Grande e levou golpe

O agropecuarista E.D.A.R., de São Borja, Rio Grande do Sul, caiu no golpe do chute em março deste ano. A vítima ficou sabendo por meio de seu vizinho que uma colheitadeira apreendida na Receita Federal de Florianópolis estava à venda. Entrou em contato com o chutador – que se passava por Dr. Rodolfo, delegado da Receita – que confirmou estar apreendida uma co-

lheitadeira. A mercadoria seria leiloada até o dia 30 daquele mês, mas o golpista ofereceu-a ao empresário pelo valor de R\$ 78 mil.

Depois de vários contatos telefônicos, o agropecuarista saiu da cidade de São Borja com destino a Florianópolis. No dia seguinte, o Dr. Rodolfo apresentou a vítima a seu chefe, o Dr. Palhares, também nome falso, e

os três se deslocaram até o prédio da Receita Federal, onde o empresário entregou aos golpistas a quantia combinada. Depois de uma hora de espera em frente ao prédio, a vítima percebeu o que estava acontecendo: o golpe do chute. A ocorrência foi registrada na 1ª Delegacia de Polícia de Florianópolis e os golpistas ainda não foram identificados.

Lembranças do passado

ZERO

A partir desta edição, o Zero vai resgatar a memória de alguns dos craques do futebol catarinense. Oberdan, Mengálvio, Zenon, Toninho... Nesta edição, vamos contar um pouco da história de Jurandir, ex-goleiro do Grêmio, e Balduino, ídolo tanto no Avaí quanto no Figueirense.

texto
mário coelho junior

fotos
sinuê giacomini

Jurandir, de goleiro a contador judicial

"Quando o jogador ainda tem dinheiro, bebe uísque; quando pára e não possui mais dinheiro, vai na cachaça mesmo", diz Jurandir Ascendio da Cunha, o popular Jurandir, ex-goleiro com passagens pelo Grêmio e Criciúma, falando sobre como é difícil parar a carreira.

"Quando eu parei de jogar foi um baque para mim". Jurandir acredita que a falta de exposição na mídia para quem pára de jogar é fator decisivo para ter problemas com a bebida. "Você sai de casa e ninguém mais te cumprimenta. No jornal nenhuma notícia sobre você é dada. É difícil", conclui.

Jurandir começou a carreira de jogador de futebol no Grêmio em 1971, nas categorias de base do clube, levado pelo também jogador tricolor Beto Fuscão. Naquela época, quem jogasse e não fosse boêmio, era

considerado um "dedo duro". "Tinha-se a concepção na época de que para ser jogador de futebol não podia estudar, tinha que beber, sair a noite, etc.", afirma.

Por que um atleta de Florianópolis começa a carreira em Porto Alegre? Jurandir diz que falta para os clubes daqui estrutura para apoiar as categorias de base. "Eles não gostam de investir em garotos". O ex-goleiro destaca o Avaí como um clube que consegue revelar poucos jogadores.

Os cinco anos passados no Grêmio foram de luta constante, já que a equipe passava por uma fase ruim. "O time era perdedor, e a cada ano precisava de uma reformulação", diz. A torcida exercia uma pressão muito grande, pois além de fazer más campanhas, o maior rival, o Internacional, havia sido pentacam-

peão estadual. Foi aí que Jurandir trocou de equipe, indo para o Ipiranga de Erechim. Jogou lá por três temporadas, até ser convidado pela primeira vez para jogar em Santa Catarina pelo Joaçaba.

Após a passagem pelo time do meio-oeste, Jurandir foi contratado pelo Criciúma. "Foi neste momento da minha carreira que eu me senti profissional de novo. Cheguei na cidade junto com o presidente do clube num jatinho". Como em Joaçaba, foi considerado o melhor goleiro do estado.

A maior emoção para Jurandir foi jogar contra Avaí e Figueirense. "Jogar contra os grandes da capital é a maior emoção possível. Você dá o sangue nestas partidas esperando reconhecimento."



Balduino, o pequeno grande craque

João Carlos da Silva, o popular Balduino: polêmico, falador, craque de bola. Com a mesma habilidade que tratava a bola dentro de campo, fala de política, da crônica esportiva catarinense, e como não poderia deixar de ser, de tudo relacionado ao futebol.

Badu, como é chamado pelos amigos, começou a jogar na várzea, na equipe da Friamberia Dona Clara. "Naquele tempo a gente jogava com os pés descalços. Apenas o adulto na várzea podia jogar de chuteiras." Começou como profissional no Avaí, sendo campeão estadual em 1973 e 1975. Em 1978, foi para o Joinville, onde foi campeão do catarinense de 1978. Em 1981, dividiu seu tempo entre a cadeira de professor de futebol da Udesc e o Figueirense. No período em que esteve no time do estreito, foi tri-vice-campeão do estado.

Balduino afirma que jogar nas equipes da Capital foi seu maior orgulho e frustração no futebol. "Jogar no Avaí e no Figueirense é a melhor coisa do mundo. "Minha única frus-

tação é não ter sido campeão quando passei pelo Figueirense".

A arbitragem catarinense mereceu o destaque de Balduino: "a maioria dos árbitros não tem condições de apitar aqui. É falta de critério, preparo físico, entre outros fatores". Na opinião de Badu, o melhor juiz de futebol no estado é Renildo Nunes. "É uma pena que ele tenha se licenciado por um ano para fazer mestrado. Ele é o melhor de todos", afirma.

"O problema do Brasil é a distribuição de renda", conclui, quando começa a falar de política. Mas diz que não vota no candidato eterno do PT à presidência da República Luís Inácio Lula da Silva. "Como posso votar em alguém que critica quem mora no Morumbi e tem filhos estudando no exterior mas faz o mesmo?", pergunta. Depois diz que não concorda com a radicalidade que o partido mostra.

Após o breve comentário sobre a política nacional, Balduino dispara sua metralhadora giratória contra a crônica esportiva da Capital,

da qual chegou a fazer parte até 1991. "Aqui todos têm a mesma mania de só falar do negativo que acontece durante as partidas". Vários nomes de jornalistas esportivos são citados, como Roberto Alves, Miguel Livramento e Claudionir Miranda.

"Um velho defeito do pessoal daqui é manter uma opinião até o fim. Só que no futebol nenhuma verdade dura mais de 24 horas", diz.



11

Florianópolis - 5/2000

Na briga de gigantes, os

provedores gratuitos viram moda no país e lutam por internautas

texto
mário coelho júnior
foto
micheli ribas



Nós não vamos pagar nada, é tudo free.

Com a música de Raul Seixas, a iG mostra na sua campanha publicitária o fenômeno que está acontecendo no país nos últimos meses: acesso gratuito à Internet. Neste período, a comunidade de internautas aumentou 15%, segundo pesquisa divulgada pelo International Data Corporation (IDC), um dos maiores institutos de pesquisa do ramo. Os pioneiros desse serviço não foram os provedores, mas sim dois dos maiores bancos privados do país: Bradesco e Unibanco.

A primeira empre-

sa nacional a entrar no mercado foi o provedor mineiro BRFree, que inaugurou seus serviços no dia 7 de Janeiro, em Belo Horizonte, estendendo-se para São Paulo e Rio de Janeiro. Dois dias depois, a iG, que tem por trás da sua estrutura o Grupo Garantia e o Banco Opportunity, lançou seu portal na rede. Apenas no primeiro dia de funcionamento, a iG conseguiu 35 mil cadastros.

Em doze dias, o país já contava com mais quatro provedores gratuitos: BRFree, iG, C@tolico e o Super11. O C@tolico recebeu 70 mil inscrições no primeiro dia apenas na Grande Porto Alegre e o Super 11 começou a disponibilizar acesso para mais de 50 cidades brasileiras, favorecendo os usuários que não residem nas grandes capitais.

Em mais da metade delas, o provedor oferece um número de telefone 0800 para o acesso, ou seja: o internauta não precisa pagar nem os impulsos telefônicos.

Em represália, a Associação Brasileira dos Provedores de Acesso à Internet (Abranet) entrou com pedido de consulta no Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) e na Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) sobre a possibilidade de suspender os acessos gratuitos à rede mundial de computadores. Mas o superintendente de Serviços Públicos da Anatel, Edmundo Matarazzo, afirmou que os bancos e empresas que estão oferecendo acesso gratuito não estão infringindo a legislação. "Nada está acontecendo fora da regulamentação", disse.

Para não perder assinantes, os provedores pagos estão melhorando o conteúdo dos seus portais. Segundo Ricardo José Giani, gerente geral da Matrix Florianópolis, a forma para manter clientes é investir em vantagens exclusivas. "Estamos melhorando o nosso conteúdo, aumentando os benefícios dos clientes Dial-up e criando diferenciais para o cliente ser fiel a banda estreita".

Mesmo com a Abranet pedindo para suspender os acessos gra-

tuitos, no final de janeiro, os dois maiores provedores pagos do país criaram seus serviços gratuitos: o UOL, com o NetGratuita, e o Zaz - que mudou seu nome para Terra após ter sido comprado pela empresa espanhola Telefônica - lançando o Terra Livre.

Ao mesmo tempo, o grupo Starmedia, um dos maiores portais voltados para a América Latina, associou-se a fundos de investimento para criar um megaportal latino-americano, o Grátis 1. O último a entrar no mercado nacional foi o Tuto-pia, lançado pela empresa americana IFX, que adquiriu pequenos provedores, como a Brasilnet.

Apenas na primeira semana de funcionamento dos portais gratuitos, haviam chegado ao Cade, pela Internet, 41 denúncias de provedores contra o acesso gratuito. A Anatel diz que não há impedimento para que os bancos ofereçam o serviço. Para Caio Túlio Costa, diretor-geral do Universo Online (empresa dos grupos Folha e Abril), não existe Internet de graça. "Alguém vai estar sempre pagando a conta. E quem paga a conta é o consumidor."

Vantagens?

A maior vantagem para os usuários seria

"Não existe internet de graça. Quem paga a conta é o consumidor"

Internautas podem ganhar

saiba quais são os melhores e as vantagens de cada um

a possibilidade de poupar entre R\$ 20 e R\$ 30 por mês da assinatura de um provedor. Entretanto, boa parte dos internautas estão desconfiados do serviço. Carlos André Laner, editor da revista digital Atitude.

Em mais de metade delas, o internauta não precisa nem pagar pelos impulsos telefônicos

net, diz que "não há garantia alguma do serviço prestado, são muitos usuários, logo o acesso sempre tende a decair".

Para chamar a atenção dos internautas, cada provedor procura dar o maior número de vantagens possível ao assinante. O serviço gratuito Terra Livre é, por enquanto, o que oferece as melhores condições para seus assinantes — além do acesso ilimitado, fornece uma caixa de e-mail, 10 megabytes (MB) para páginas pessoais e 10 MB para armazenar arquivos fora do computador pessoal. O suporte técnico não será cobrado no primeiro mês e, depois, o internauta poderá contratar um seguro-ajuda por R\$ 7,90 mensais. A NetGratuita oferece apenas uma conta de e-mail, com 1 MB de espaço disponível, mas com a possibilidade

do usuário abrir outra, só que no BOL (Brasil On Line).

Ricardo José Gianni, gerente geral da Matrix Florianópolis, afirma que "alguns clientes já estão retornando após o cancelamento para utilizar a Internet Gratuita, devido a dificuldade de acesso e a lentidão da navegação nos provedores gratuitos". A Matrix, 6º maior provedor do país, presente em mais de 50 cidades, deve ainda confirmar se também optará pela internet gratuita.

Precursores

O Banco do Brasil começou em julho do ano passado a oferecer acesso gratuito de 5 horas mensais à Internet, por meio de convênios com pequenos e médios provedores. "Temos convênio com 370 pequenos e médios provedores em todo o país e queremos ampliar esse número", afirmou Américo Mendes Júnior, consultor da área de Internet do BB. Já o Bradesco, maior banco privado do país, lançou o acesso gratuito à Internet para os seus clientes em dezembro passado. O banco oferece 20 horas de navegação por mês, mais bonificações acrescidas pela utilização de produtos do banco.

O Unibanco, 3º maior banco privado do País, com 3 milhões de

correntistas, passou a oferecer aos clientes acesso gratuito à Internet na segunda quinzena de janeiro. A grande novidade em relação ao Bradesco é que o Unibanco não impõe limite de horas. Hoje, um pacote desse tipo com provedor de acesso pago custa cerca de R\$ 35 fora das promoções. Mas o cliente do Unibanco não recebe um e-mail.

A expectativa do banco é que 600 mil clientes estejam utilizando o serviço até o fim do ano. Nesse número estão incluídos os 280 mil clientes que já recorrem

ao Micro 30 horas e ao Internet banking, os que ainda não usam serviços eletrônicos e novos clientes atraídos pela oferta. Inicialmente o serviço será oferecido na cidade de São Paulo, com investimentos de R\$ 3,5 milhões. A previsão era de que até a segunda quinzena de março, todo o Estado de São Paulo estivesse sendo atendido. Por outro lado, o projeto nacional deve estar concluído até maio. Em São Paulo, o Unibanco fez uma parceria com a Telefônica para utilização da rede IP, como o Bradesco.

Endereços

<http://www.netgratuita.com.br>

<http://www.terra.com.br/livre>

<http://www.ig.com.br>

<http://www.super11.net>

<http://www.catolico.com.br>

<http://www.brfree.com.br>

<http://www.bol.com.br>

<http://www.tutopia.com.br>

<http://www.matrix.com.br>

13

Ufsc faz tratamento de lixo 30% mais barato

uso de bolsistas é fundamental para a coleta seletiva

texto
camile reis

fotos
humberto maia



Terreno onde é tratado o lixo na UFSC, perto da prefeitura universitária

Depois de percorrer todos os bares da UFSC recolhendo restos de comida e cascas de frutas, Giancarlo Verre despeja o lixo em várias pilhas e começa a misturar. Debaixo de um sol forte, vestindo bermuda e galochas, os longos cabelos do garoto ficam encharcados de suor. O trabalho no lixo é diário. Oito rapazes se revezam para tratar de mais de oito toneladas por semana. Assim como Giancarlo, todos são alunos do Curso de Agronomia da

UFSC. "No começo foi estranho trabalhar no lixo, tem muito preconceito, mas quando a gente percebe a importância do projeto, de não poluir a Ilha, vê que vale a pena", conta o estudante da 7ª fase.

O professor que coordena o trabalho – Rick Miller, do departamento de Engenharia Rural do Centro de Ciências Agrárias – também põe a mão na massa, ou melhor, no lixo. A diferença desse lixo é que nele não se vêem moscas e urubus, não exis-

te mau-cheiro e todo ele é transformado em adubo. Além disso, o tratamento sai 30% mais barato que o convencional (despejo em aterro sanitário) e chega a ser quase dez vezes mais econômico que a coleta seletiva feita pela Comcap. (Ver quadros 1 e 2).

O processo que os estudantes desenvolvem na UFSC é a compostagem termofílica, criada na Índia. O lixo orgânico (restos vegetais, de frutas, sobras de refeições), junto com restos de grama e a cama de cabaias (serragem com fezes e urina de rato) é arrumado em pilhas para que sofra a ação decompositora de micróbios (a uma temperatura de 65°C) e se transforme em adubo rico em nutrientes. Durante o processo, as pilhas são misturadas para garantir a entrada de oxigênio e impedir a fermentação de outros microorganismos, o que provocaria mau-cheiro. Como todo o lixo é transportado em bombonas plásticas com

tampas, não fica exposto e não atrai animais.

O professor Rick Miller, doutor em Ecologia, defende a adoção desse tratamento na cidade. "Estamos batalhando para que a coleta seletiva seja feita com o lixo orgânico, não com o seco". Segundo ele, além de ser bem mais barato, o tratamento da parte orgânica (que representa 48% de todo o lixo) diminuiria o impacto ambiental causado pelo despejo desordenado do lixo nos aterros.

Em Florianópolis, todo o lixo recolhido pela Comcap é despejado no único aterro aprovado pela Fatma, localizado em Biguaçu e de propriedade da empresa Formacco. São mais de 100 toneladas por dia só de matéria orgânica. Somando-se o lixo seco (papel, vidro, alumínio, etc), o total chega a 240 toneladas. Com o peso, o lixo vai sendo compactado e, junto com as águas da chuva, produz um líquido mal-cheiroso e altamente

QUADRO 1

Custo do tratamento convencional (destinação ao aterro sanitário) e tratamento alternativo (compostagem termofílica) nos projetos de reciclagem de resíduos orgânicos na UFSC e Ceasa/SJ.

	Ceasa		UFSC	
	Tratamento Convencional	Tratamento Alternativo	Tratamento Convencional	Tratamento Alternativo
Custo Mensal (R\$)	6.390,00	4.080,00	1.100,00	775,00
Custo/Tonelada (R\$)	48,50	31,00	33,50	23,50
Diferença		36,15%		29,54%

Fontes: Comcap e Zamboni, E&M - Análise econômica de dois processos de tratamento de lixo: a compostagem termofílica e a disposição final em aterros sanitários. Relatório de conclusão de curso em Agronomia - UFSC/CCA, Florianópolis, 1997.

Universidade não gasta mais dinheiro com adubo

poluente, chamado chorume. Esse líquido, contaminado por metano, álcool e metais pesados, acaba se infiltrando na terra e poluindo o lençol freático, causando danos irreversíveis. "Apesar de ter sido desativado, o lixão do Itacorubi, ou Itacorubu como era chamado, continua soltando chorume que polui o mangue", diz Rick.

O Modelo da UFSC

O tratamento de compostagem na UFSC é realizado numa área próxima à prefeitura universitária. Nesse local, existem sete pilhas enfileiradas com dimensões de aproximadamente 1,5m de altura, 2m de largura e 7m de comprimento. Ali é tratado 40% dos resíduos gerados no campus, ou seja, todo o lixo orgânico separado pelos bares da universidade, obrigação oficial da UFSC. Com microtrator e carreta da prefeitura universitária, todos os dias, às nove da manhã, o professor Rick Miller e quatro bolsistas do projeto percorrem uma rota de recolhimento. O pátio de compostagem recebe ainda a cama de cobaias do biotério central e os restos de grama do serviço de manutenção dos jardins da Universidade.

A montagem das leiras é feita manualmente pelos bolsistas. Depois de se fazer o contorno da pilha com capim, a primeira camada depositada é de serragem (cama animal) ou folhas secas - materiais que garantem a entra-

da de ar na leira. Em seguida, é despejado todo o lixo orgânico separado na coleta, coberto por uma última camada de grama e serragem.

A serragem atua como isolante térmico para manter a alta temperatura. Também é adicionada uma quantidade de adubo já pronto que acelera o processo, otimizando as condições de umidade e estimulando o crescimento microbiano. Depois de 48 horas, pode se colocar mais lixo e misturar o material. O "rodízio de despejo" é um procedimento de controle adotado para evitar o desenvolvimento de larvas.

Depois de seis meses, o material é reduzido à 1/10 de sua massa e se transforma num adubo rico em nutrientes, que pode ser vendido a R\$ 0,40 o quilo. "Vale mais que o quilo da fruta", lembra o professor Rick Miller. O húmus resultante do processo mantém todos os jardins da universidade. "Agora, além de economizar com a coleta do lixo, se economiza com a compra do adubo. Antes a UFSC tinha que comprar cerca de 15 toneladas de adubo todo mês", diz Guilherme Bressan, aluno da 8ª fase de Agronomia, que há três anos trabalha no projeto. "Sem contar que não tem mais moscas, rato, barata e cachorro por causa do lixo", lembra. O estudante da 7ª fase Igor Diter, que há um mês largou a bolsa na biblioteca para trabalhar com o lixo, não

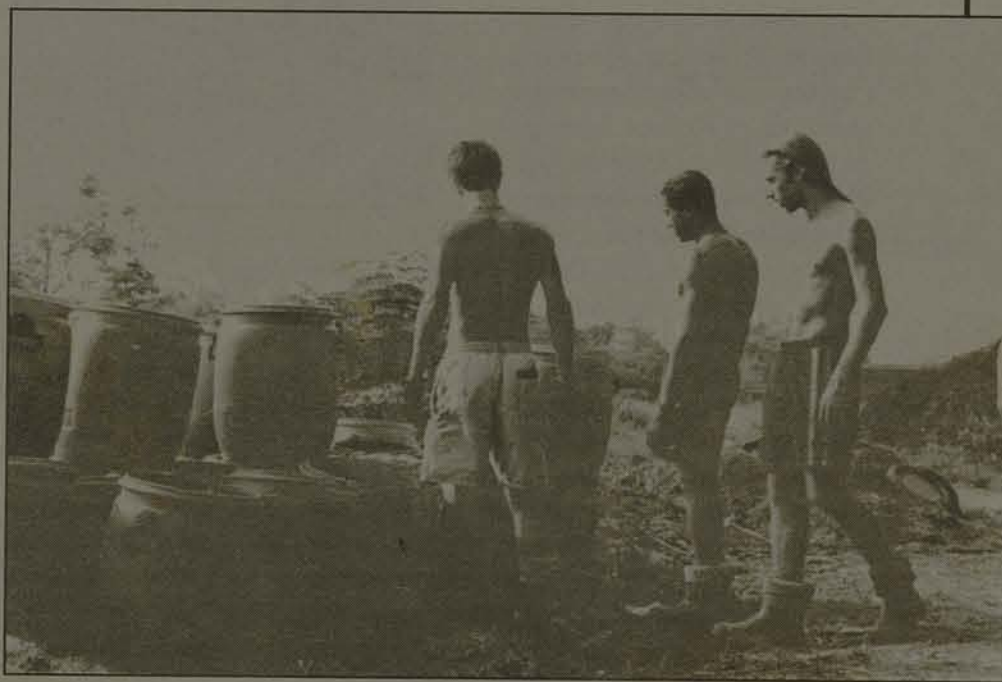
se arrepende: "Pelo pouco que aprendi até agora, já está valendo a pena".

Os alunos do curso de Agronomia da UFSC mantêm ainda o projeto no Ceasa, em São José. Através de um convênio com o Centro de Ciências Agrárias, desde março de 1997 são tratadas de 5 a 8 toneladas diárias de resí-

duos varridos do pátio.

A coleta é feita por caminhão basculante e retroescavadeira; as leiras são confeccionadas e monitoradas pelos alunos. No final do mês, além da economia pela utilização de um processo 36% mais barato, 10 toneladas de composto orgânico podem ser vendidas.

Estudantes de Agronomia ganham experiência trabalhando com lixo



QUADRO 2

Comparação econômica entre as diferentes coletas realizadas na capital

15

- 1- Coleta seletiva de material reciclável: R\$ 241,00/tonelada (Se forem considerados os gastos com estação de triagem + a venda dos recicláveis após a coleta: R\$ 820,00/tonelada)
- 2- Coleta convencional: R\$ 71,00/tonelada (Se forem somados os gastos com o transporte para o aterro Biguaçu: R\$ 108,00/tonelada)
- 3- Coleta seletiva de resíduos orgânicos + implantação da compostagem: R\$ 34,79/tonelada

Festa dos 500 anos é marcada por protestos

texto
Lúcia Peres

fotos
"Zé Brasil"

manifestantes jogam balões com tinta no relógio da RBS

Cerca de 150 pessoas, em sua maioria estudantes, protestaram contra a comemoração dos 500 anos do Brasil no dia 22 de abril. Durante a manifestação, cinco pessoas foram presas e outras feridas por balas de borracha e cacetetes usados pela polícia militar. Policiais infiltrados no movimento detiveram os estudantes. Cerca de 30 militares foram enviados para conter a manifestação.

O conflito entre manifestantes e policiais começou em frente ao relógio comemorativo dos 500 anos, instalado pela RBS na Avenida Beira Mar. Os estudantes carregavam balões de tinta para atirar no monumento. Os policiais tentaram contê-los com granadas de efeito moral e tiros de bala de borracha. Jorge Silva, presidente do CEC-CA (Centro de Estudos de Cultura e Cidadania), levou um tiro na mandíbula e teve de ser levado ao hospital. Ele passou por uma cirurgia de reconstituição facial e está temporariamente incapacitado de falar.

O comandante de policiamento da capital, coronel Valmir Cabral, supõe que os policiais queriam atirar em outra pessoa e que Jorge deve ter passado na frente deles no momento do tiro. "Se quisessem atirar na cabeça, teriam mirado na testa ou nos olhos e não na bochecha". Valmir disse que o caso será investigado e os culpados punidos.

A manifestante Juliane Moreira, 23 anos, explicou que os estudantes queriam destruir o relógio porque ele



"é um ícone da história tradicional". "Nós queremos mostrar os outros 500", disse. A estudante Daniela Colossi, 19 anos, participou do protesto e não concorda com a justificativa da polícia de que o relógio é um patrimônio público. Outro motivo da repressão policial, segundo o coronel Valmir, foi o fato de os manifestantes terem "impedido o trânsito, violando o direito das pessoas de ir e vir."

Daniela afirmou que os estudantes pretendiam fazer uma manifestação pacífica, mas a polícia foi "muito grossa" desde o começo. "Nós temos o direito de nos manifestar, de expor nossa opinião". Valmir classificou os estudantes de baderneiros, pois alguns estavam com o rosto coberto e carregavam bolas de sinuca. "Os policiais foram atingidos com as bolas número quatro e número oito."

O protesto continuou na

praça XV, onde algumas pessoas derrubaram e botaram fogo nos tapumes. Alguns deles caíram em cima dos carros de táxi. Os taxistas não gostaram e entraram em conflito com os manifestantes. Policiais à paisana bateram em estudantes e os entregaram à polícia fardada. Daniela, detida por um policial não identificado, contou que foi levada a duas delegacias, mas não foi fichada por causa da desorganização. Renato Trivella, 18 anos, disse que foi detido por criticar a violência com que os policiais pegaram uma menina. Levou cacetadas nas costas e nos joelhos e foi imobilizado pelo pescoço com um cacetete, mas nem chegou à delegacia porque não havia mais lugar no carro da polícia.

Quatro manifestantes foram presos por policiais sem identificação (conhecidos como P2) depois de descerem em um ponto de ônibus pró-

ximo ao Shopping Itaguçu. Levados a uma guarnição na cabeceira da Ponte Colombo Sales, foram filmados e entregues a policiais fardados. Na delegacia, os rapazes ficaram presos das 16h às 23h, até a fiança ser paga.

O coronel Valmir disse que o ônibus dos manifestantes foi seguido porque seus rostos foram reconhecidos nas filmagens do protesto feitas pela polícia.

Vidal Vanhoni Filho, advogado que vai defender os quatro, afirma que a prisão foi ilegal porque os policiais não tinham identificação. Além disso, acredita que a filmagem foi um abuso e ofende os direitos do cidadão. "Esta filmagem é feita por P2", disse. Vidal criticou a atuação da polícia de Santa Catarina e a presença de P2 na manifestação. "É um serviço reservado da polícia militar, uma polícia política e secreta que estão construindo".